

# Acasos de uma errância brasileira\*:

Maria de Fátima Maia Ribeiro\*\*

\* O título deste artigo modula expressão de Eduardo Lourenço relativa a sua estada no Brasil. Cf. Eduardo LOURENÇO. Um homem extra-ordinário. In: MACHADO, Luís. *A última conversa: Agostinho da Silva*. 5.ed. Lisboa: Editorial Notícias, 1997. p.18.

\*\* Universidade Federal da Bahia

## I – Cartas, roteiros e viagens de Vitorino Nemésio

Cá vamos a voo, descobrindo o Brasil...

Vitorino Nemésio

Seria contingência aleatória ou mesmo obra do acaso a presença de intelectuais portugueses no Brasil em meados do século XX? As respostas diversificam-se em função dos lugares ocupados – no discurso e na história –, pelos sujeitos envolvidos. Uma das muitas respostas plausíveis enuncia-se com Vitorino Nemésio, em sua obra de viagens, em sua poesia e, em especial, na correspondência trocada com intelectuais de além-mar.

Para Nemésio, uma das figuras emblemáticas do intercâmbio cultural luso-brasileiro nos anos cinqüenta/sessenta, a questão articulava-se com a tradição lusa de viagens e de missão, convertida em traço constitutivo do povo português, “povo de missão, desdobrado e enriquecido no ser e na imagem de outro povo”<sup>1</sup>, além de modo efetivo de inserção social-histórica. Pessoalmente, marcado pela itinerância, em “andadas” entre Portugal –insular e continental–, Brasil e países europeus, considerava as constantes viagens como ação cultural em curso, peregrinação e missão por realizar.

As viagens ao Brasil e em especial à Bahia constituem um núcleo temático intensamente trabalhado nas cartas de Vitorino Nemésio a Hélio Simões, entre 1952

<sup>1</sup> Cf. Vitorino NEMÉSIO. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa: Bertrand [1954]. p.17.

e 1977. Por entre registro das vivências cotidianas, redimensionam-se declarações do professor<sup>2</sup>, do cronista<sup>3</sup> e do poeta<sup>4</sup>, em regime semi-privado. Nessas cartas ganha força a idéia de “missões” recorrente nos livros de viagem, sob o peso de um imaginário colonial de matiz literário, das quais é necessário deixar testemunho/testamento. Do comprometimento da ordem do sagrado com essas missões culturais Nemésio constrói para si várias referências, identificando-se com três figuras históricas básicas, associadas ora à presença do português no Brasil-Colônia – “reinol passageiro” ou “reinol de passagem”<sup>5</sup> –, ora a um apostolado em trânsito, a ação de um “peregrino”, “peregrino ilhéu”, e mais enfaticamente, “peregrino da América”<sup>6</sup>, moderno, numa clara retomada de mais uma narrativa de viagens pelo Brasil, o *Compêndio narrativo do Peregrino da América* (1728), de Nuno Marques Pereira, bem como, de forma ainda mais oblíqua e por analogia, a outro viajante, também escrivão de cartas de terras por conhecer, Pero Vaz de Caminha. “*Da Capo a Pero Vaz*”, diz Nemésio abrindo o livro de viagens. “Cá vamos a voo, descobrindo o Brasil...”<sup>7</sup>, escreve Nemésio, da “Praia da Boa Viagem / Recife”, em 1958.

As figuras do reinol-navegador-missionário-escrivão fundem-se no escritor de crônicas e cartas do presente. Nessas, prevalecem os trabalhos da memória e da escritura como forma de registro e de reflexão acerca de si e do mundo à sua volta. No movimento *da capo* dos textos, o tom maior é dado pelo presente: retorno, volta, e repetição, mas também, e sobretudo, diferença. Nemésio evoca e ocupa os lugares do passado, mas construindo para esses e para si um sentido diferente, diferente pelos novos elementos postos em contato, como pelo que contém de respostas a demandas contemporâneas, daí resultando uma significação outra, marcada não mais pelos sentidos de posse e ocupação da terra descoberta, mas pelo sentido emergente de integração e compartilhamento que, em sua poesia, crônicas e cartas, sustenta o imaginário à volta de uma “comunidade luso-brasileira”, demanda nuclear de portugueses e brasileiros em meados deste século, em que pese às dissonâncias.

Tal imbricamento afasta-o da errância e da deriva, pois se trata, no caso de Nemésio e de parte da sua geração, de trânsito com motivação e destino defini-

<sup>2</sup> Para o desenvolvimento da questão na obra ensaística de Nemésio, cf. id. *Portugal e o Brasil na história*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1962; Problemas universitários da comunidade luso-brasileira; oração de sapiência pronunciada na sessão solene de abertura das aulas da Universidade de Lisboa em 16 de outubro. Separata do *Anuário da Universidade de Lisboa*, p.5-21, 1954-1955.

<sup>3</sup> Quanto aos livros de viagens, cf. id. *Caatinga e terra caída*; viagens no Nordeste e no Amazonas. Lisboa: Bertrand, [1968] e *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa: Bertrand, [1954].

<sup>4</sup> Para a correlação com a sua poesia, cf. id. *Poemas brasileiros*.

<sup>5</sup> Cf. id., *O segredo de Ouro Preto...*, op. cit., p.178, 176.

<sup>6</sup> Cf. id., *ibid.*, p.362, 376.

<sup>7</sup> Cf. id. Carta a Hélio Simões. Recife, 21.jul.1958. AHS-CA, doc. 1340, p.031.

dos, porquanto, para além de razões pessoais, havia uma missão a empreender em duas frentes interligadas: conferir visibilidade e reconhecimento internacionais a Portugal, projetando o país através da circulação da cultura portuguesa no mundo culto da época, bem como estreitando as relações culturais com o Brasil.

A correspondência pessoal, fonte primária de investigação, até certo ponto diferencia-se dos discursos veiculados no espaço público, da literatura oficial a textos de imprensa. Enquanto registro privado de opiniões, avaliações e ambições, permite matizar o desenho de perfis profissional e humano dos intelectuais envolvidos e as atuações que foram relevantes para as relações Portugal/Brasil em determinado momento. Oferece ainda a possibilidade de examinar conteúdos que o discurso oficial recalca, oblitera, pretere, mascara. Lendo-se as cartas, articuladas a outros registros – textos da época, declarações, livros de viagens –, pode-se indagar acerca de possíveis tensões entre as questões de natureza pessoal e as questões de ordem cultural e política, esboçadas através de uma intrincada rede de relações que tanto confundem as fronteiras, quanto mais dificilmente permitirão conclusões peremptórias.

As cartas de Nemésio, inscritas nesse quadro, fornecem testemunhos de vária ordem. Nas circunstâncias pessoais, de natureza familiar e acadêmica, o autor evita a confidência e o derramamento, relata fatos, expõe os problemas. Os textos, todavia, desvelam extrema cordialidade e afetividade do homem. No âmbito dos projetos transnacionais que visavam a rearticular Portugal e Brasil/Bahia em termos do intercâmbio cultural da década de cinqüenta, oferecem testemunho da sua contribuição e dos posicionamentos a esse respeito. Delineiam as linhas de força do movimento em Salvador e em Lisboa, apontando aspectos significativos das políticas culturais que aproximavam a Universidade da Bahia e várias entidades governamentais portuguesas, como o Secretariado Nacional da Informação, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Instituto de Alta Cultura. Permitem ainda mapear a circulação das figuras-chave do intercâmbio – o prof. Hélio Simões, o reitor Edgard Santos, o editor Pinto de Aguiar, o jornalista Odorico Tavares, o cônsul João Pereira Bastos – ou da vida cultural da cidade, em que se inscreviam respeitados intelectuais portugueses: os escritores portugueses Agostinho da Silva, Casais Monteiro, Eduardo Lourenço ao lado de Godofredo Filho, Carvalho Filho, Luís Viana. Ao mesmo tempo, os textos indiciam os entornos sócio-políticos da época, relacionados com a construção e derrocada da comunidade luso-brasileira ou com a queda do império colonial português: a insurreição em Angola, a independência política de Goa, a Revolução de Abril, em seu conjunto revelando a lógica que orientava a sua visão das relações entre o Brasil e Portugal dos anos cinqüenta aos setenta.

A confiar nas cartas reunidas no Arquivo, Nemésio realizou, entre 1952 e 1972, seis viagens à Bahia. A permanência mais longa, duração de oito meses, em 1958 é

documentada diretamente por duas cartas de Lisboa, no mês de Janeiro, que revelam a preparação e os detalhes de patrocínio e programação<sup>8</sup>, e por dois postais de impressões da viagem pelo Norte e Nordeste, em curso. Ao lado das questões pessoais, as cartas desnudam a articulação de fundo do intercâmbio luso-brasileiro à época, que envolvia, a título de responsabilidade, personalidades e instituições acadêmicas, aclarando as estratégias de encaminhamento e a forma de tramitação dos convites.

As cartas de 1959 dão conta de uma fase de profunda crise acadêmica – “demissionário de director da Faculdade”, de atraso na produção de *A vida do Infante*, de requisição pela Comissão Henriquina, de cujos trabalhos afinal se ocupa, de proposta da Fundação Calouste Gulbenkian para “traçar um vasto plano de acção editorial p<sup>a</sup> a cultura portuguesa”, mantendo, entretanto, a perspectiva de nova viagem à Bahia, para participação no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, até finais de julho<sup>9</sup>, o que não se concretiza por razões de ordem familiar.

Após intensificar-se nos anos de 58 e 59, a correspondência de Nemésio a Hélio Simões passa por longos intervalos, interrompendo-se “o silêncio de tumba”, como afirma, nas cartas de março de 60 e de dezembro de 61. A partir de 1961, as cartas carregam um tom de melancolia e de desalento, pois, como ele próprio diz, “um certo desencanto das coisas” perpassa-lhe a vida e os textos. O Nemésio dos projetos múltiplos e de vida atropelada, que conseguia, ao menos discursivamente, preservar o entusiasmo e a diligência, dá lugar a um Nemésio marcado pelos problemas familiares, assim como pelos entornos políticos recentes, que atingem suas convicções acerca das relações luso-brasileiras.

Em carta de Lisboa, diante da perspectiva de permanecer no Rio e prolongar “a estadia no Brasil pelo ano lectivo adiante”, como outrora se aprazia, reage com um “Sinto-me, porém, velhorro e gasto e inapetente”<sup>10</sup>. Embora declare haver abdicado das viagens, a correspondência depositada no Arquivo Hélio Simões dá notícias de Nemésio em aventuras culturais por outras latitudes e tempos: quer o encontremos em Colônia, em companhia de Joseph Piel, em 1963, ou em Fortaleza, para o doutoramento *Honoris Causa*, e no Rio de Janeiro, com vistas a curso, em 1964 e 1965, quer o reencontremos no Rio de Janeiro, com Hernani Cidade, em 1972, para conferência.

Necessário se faz situar o interlocutor, destinatário dessas cartas, ao menos para as gerações mais novas. Trata-se do professor Hélio Simões, catedrático de

<sup>8</sup> Cf. Vitorino NEMÉSIO. Cartas a Hélio Simões de janeiro de 1958. Lisboa. AHS-CA, docs. 1319-1320, p.031.

<sup>9</sup> Cf. id., Cartas a Hélio Simões. Lisboa, 1959. AHS-CA, docs. 1323-1326, p.031.

<sup>10</sup> Cf. id., Carta a Hélio Simões. Lisboa, 24. jun. 1964. AHS-CA, doc. 1331, p.031.

Literatura Portuguesa da Universidade da Bahia, fundador e diretor do Círculo de Estudos Portugueses (1949) e do Instituto de Estudos Portugueses (1955) da Faculdade de Filosofia, “órgãos complementares de extensão universitária”, destinados a incentivar e divulgar a cultura portuguesa na Bahia e na Universidade, enquanto contribuição ao “desenvolvimento das relações luso-brasileiras”. Comprometido com o intercâmbio luso-baiano, o seu idealizador tornar-se-ia na figura central das relações culturais Bahia-Portugal via Universidade, particularmente nas áreas de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Médico, poeta e professor, destacando-se na oratória, Hélio Simões pode ser visto como um dos tipos emblemáticos do intelectual baiano e brasileiro do momento, marcado pelo neoconservadorismo. A sua inserção intelectual, que lhe propiciava livre trânsito nos círculos universitários e extra-universitários, tensionava-se na oscilação entre a tradição e a modernidade, ao tempo em que ancorava na concepção de cultura, dominante na Bahia, se não no Brasil, de adesão às formas canônicas do modelo ocidental/europeu de alta cultura, sobretudo associada às artes.

Por conta da familiaridade com essa cultura e com a produção literária portuguesa, seguiu o caminho aberto por Fidelino Figueiredo em São Paulo e introduziu os estudos literários portugueses na Bahia, em nível universitário. Através do IEP, Hélio Simões coordenou a vinda à Bahia de intelectuais portugueses, como Nemésio: professores, ensaístas e escritores dos mais destacados, a exemplo de Hernani Cidade, Costa Pimpão, Casais Monteiro (Letras) e Eduardo Lourenço (Filosofia), para lecionar na Universidade, realizar seminários, cursos e conferências. Cabe-lhe a responsabilidade pelo estabelecimento de vínculos entre a Universidade da Bahia e as agências de difusão cultural portuguesas, como o Instituto de Alta Cultura e a Fundação Calouste Gulbenkian, já na década de sessenta, reunindo as condições materiais para a realização dos projetos, em termos de “missões oficiais” portuguesas ou em regime de colaboração com a Universidade.

Com base no seu empenho em favor da aproximação Brasil/Bahia-Portugal, o escritor baiano Jorge Amado, em *Bahia de todos os santos*, destaca-lhe a figura e busca definir-lhe um perfil:

... Hélio Simões é o poeta ilustre, o médico, o professor, o fomentador de estudos literários, o homem da Universidade, do intercâmbio cultural luso-brasileiro, com tantos e tamanhos serviços prestados à Bahia, ao Brasil, à cultura.<sup>11</sup>

Nessa mesma linha, pronuncia-se Edivaldo Boaventura a seu respeito:

<sup>11</sup> Cf. Jorge AMADO. *Bahia de todos os santos*; guia de ruas e mistérios. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. p.238.

A sua palavra era [...] instrumento de aproximação entre países irmãos. Dela, quantas vezes se serviu para ser não somente o professor de Literatura, mas também uma espécie de plenipotenciário universitário junto a certas camadas cultas de Portugal. Com a palavra e pela palavra, era bem aquele tipo de mestre introdutor de outras culturas. O seu esforço de aproximação contínua entre baianos e estrangeiros fez dele um conspícuo interlocutor. Sabia fazer, promover e sugerir tanto a vinda à Bahia de eminentes personalidades lusas, como a ida a Portugal de outros tantos brasileiros ilustres.<sup>12</sup>

Em sua atuação junto à Universidade da Bahia e a instituições e intelectuais portugueses, Hélio Simões assumiu o papel de mediador, conjugado ao de “assessor cultural”<sup>13</sup>, conforme salienta Boaventura. As suas relações, pessoais e profissionais, com o reitor Edgard Santos e o cônsul português João Pereira Bastos, bem como com os intelectuais visitantes, colocaram-no, de fato, no lugar de interlocutor de determinadas camadas cultas de Portugal, como o atesta a relação com Nemésio.

Confirma-o a carta de Hernani Cidade a Hélio Simões, a fazer-lhe a apresentação do escritor quando da sua primeira viagem à Bahia, em 1952. No início de uma longa e profícua correspondência, Cidade informa-o da futura

... visita do “Vera Cruz” com alguns [...] convidados, creio, pelo Secretariado de Informação. Entre eles vai o Vitorino Nemésio, nosso colega de professorado e seu camarada na literatura de imaginação. Eu estimaria que fosse recebido p/ você como se fosse eu. [...] Ele é um grande escritor da nossa língua e um professor cheio de qualidades, não lhe faltando o essencial [...] É preciso que V. o convide para uma lição na Faculdade. Ele é pessoa que representa superiormente a nossa cultura, no Brasil, como ainda este ano o fez em França. Além de tudo é pessoa cuja convivência é a melhor introdução à sua obra, simpático e humaníssimo.<sup>14</sup>

Os termos da apresentação assinalam a representatividade de Nemésio para a cultura portuguesa, ao tempo em que configuram a articulação do pessoal ao institucional, expressa pela recomendação de tratamento e convite, e os modos pelos quais se organizavam as viagens e o intercâmbio.

Em suas linhas gerais, o quadro apenas se esboça e corre o risco de esquematizar-se. A presença de intelectuais portugueses no Brasil em meados do século XX traz à cena o quadro do intercâmbio cultural e hipóteses acerca da implementação de políticas culturais portuguesas voltadas para o Brasil, em es-

<sup>12</sup> Cf. Edivaldo BOAVENTURA. Hélio Simões e os estudos portugueses. Separata da *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n.35, p.73, 1988.

<sup>13</sup> Cf. Vitorino NEMÉSIO. *O segredo de Ouro Preto...*, op. cit., p.75.

<sup>14</sup> Cf. Hernani CIDADE. Carta a Hélio Simões. Lisboa, 10 fev. 1952. AHS-CA, doc. 0010, p.001.

pecial para a Bahia, em meados deste século. Os projetos e políticas culturais vigentes na Bahia dos anos cinquenta envolvem relações geopolíticas e culturais que exigem mapeamentos afinados com as devidas contextualizações. O trânsito faz-se acompanhar do movimento de interlocução de intelectuais portugueses e baianos, no âmbito das relações culturais viabilizadas pela Universidade da Bahia e por universidades portuguesas, com apoio ou patrocínio do governo português.

Afinal, o caso Nemésio não constitui experiência isolada, antes partilhando com uma geração um imaginário à luz das propostas de comunidade luso-brasileira, que sustenta intercâmbios e trânsitos vários. Entre os modos de agenciamento das idas e vindas, passagens ou permanências de intelectuais portugueses em Salvador, como Nemésio e Hernani Cidade; Eduardo Lourenço; Álvaro da Costa Pimpão – Agostinho da Silva e Adolfo Casais Monteiro seriam casos à parte –, ressalta a aliança entre os domínios pessoal e institucional.

Uma estratégica conjunção de pessoas e instituições de ambos os lados do Atlântico, cuja força se afirmava na sugestão/execução de projetos conforme os imaginários culturais correntes à época e que traziam os timbres das academias e dos Estados como instância de promoção. Estavam a materializar-se anseios de intelectuais portugueses e brasileiros, com o que se conjugavam convicções pessoais e as injunções da vida privada, da ordem das atividades acadêmicas a graves tensões familiares. As viagens poderiam ter sido, para alguns dos visitantes, errância e acaso, para outros, solução provisória, paliativo ou “libertação”, não apenas de ordem emocional, mas também econômica e, obviamente, profissional, para outros ainda ou simultaneamente, “uma resposta estratégica a uma necessidade urgente em um dado momento histórico”<sup>15</sup> vinculada às demandas nacionais em cena.

No caso de Nemésio, impossível precisar até que ponto a sua relação com o Brasil e com a Bahia ultrapassa o terreno das disposições afetivas e envereda pelo cumprimento de dispositivos culturais e políticos, ditados por instâncias da Cultura ou do Estado com as quais se identifica. Como diz em carta de 1965, “Vim em missão do nosso Ministério dos Estrangeiros fazer estas prédicas culturais e matar as saudades do Brasil”<sup>16</sup>. Diante do embaralhamento dos códigos, dispensa-se qualquer traço de juízo moral, que implica no esquecimento da historicidade, e investe-se na leitura de uma produção que fascina em sua ampla plurivocidade.

A coleção de cartas de Vitorino Nemésio enviadas a Hélio Simões encontra-se reunida no Arquivo pessoal do destinatário (AHS), na série “Correspondência” (CA). É constituída por vinte e sete documentos manuscritos e datilografados de

<sup>15</sup> Cf. Homi K. BHABHA. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p.115.

<sup>16</sup> Cf. Vitorino NEMÉSIO. Carta a Hélio Simões. Fortaleza, 5. jun. 1965. AHS-CA, doc. 1332, p.031.



diversos formatos, entre cartas, cartões e postais, acrescida de duas cartas escritas por sua mulher, Gabriela, e uma terceira pelo filho Jorge Nemésio, todas datadas entre 1952 e 1977, provenientes de Lisboa, de Coimbra e dos Açores, de cidades brasileiras e européias<sup>17</sup>.

Por determinação da família Hélio Simões, que me entregou o acervo para organização e investigação acadêmica, bem como por deliberação pessoal, a vasta documentação de cerca de três mil cartas somente agora começa a ser divulgada, assim mesmo submetida a rígidos critérios, relacionados, sobretudo, com as notações algo confidenciais de uma correspondência particular. Deste modo é que, mantendo o Arquivo sob reserva, selecionei as cartas que ora se publicam, circunscritas a um dos núcleos temáticos de interesse geral para os estudiosos do escritor, as viagens pelo Brasil, em especial à Bahia<sup>18</sup>.

## Cartas de Vitorino Nemésio a Hélio Simões<sup>19</sup>

NEXO TEMÁTICO: VIAGENS PELO BRASIL

### 1

BELHO HORIZONTE, 1 de Agosto 1952.

Meu caro Hélio Simões,

Perdoe a demora em escrever-lhe, mas não tenho parado desde o meu deslumbrante “raid” à Bahia. Ainda vibro da revelação desse mundo cujas portas V. e alguns outros bahianos me abriram de par em par. Voltei a Ouro Preto, q<sup>20</sup> também me encantou; mas o milagre poético, a “visitação”, não se

<sup>17</sup> Cf. Cartas de Vitorino Nemésio a Hélio Simões. AHS-CA, docs. n.1316-1346, pasta 031.

<sup>18</sup> Para uma análise de conjunto das cartas, cf. Maria de Fátima Ribeiro Souza BRITO. Cartas de Vitorino Nemésio: rastros da sua passagem pela Bahia. Das injunções pessoais à inscrição em projetos de além e de aquém-mar. In: VITORINO NEMÉSIO. VINTE ANOS DEPOIS. Actas do Colóquio Internacional, Ponta Delgada, 1998. Lisboa; Ponta Delgada: Edições Cosmos; SIEN, 1998. p.757-69. Ver também, apesar da mudança do nome, desenvolvimento da questão na tese de doutorado: cf. Maria de Fátima Maia RIBEIRO. *IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS: relações culturais, identidade, alteridade*. Salvador, 1999. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – FACOM – Universidade Federal da Bahia, 1999. v.2 p.401-48; v.6, Anexo 11- Correspondência.

<sup>19</sup> Na editoração das cartas, mantive a ortografia dos originais, assinalando as emendas e rasuras. Procurei reproduzir a disposição gráfica dos documentos, sobretudo atenta ao cuidado que o autor dedicava à apresentação dos seus textos: o alinhamento à esquerda, o jogo das diferentes tintas, a sistemática hierarquia gráfica do parágrafo inicial, o jogo cortês do datiloscrito com o manuscrito nas saudações de fechamento. De modo geral, as cartas de Nemésio não oferecem dificuldades de decodificação; os raros casos que se apresentaram à presente leitura evidenciam-se por [?].

<sup>20</sup> No original, a letra q aparece sob um til. Abreviatura da partícula “que”, recorrente nas cartas de Nemésio, como tal deve ser lida em todas as ocorrências desse documento. Em outras cartas, aqui transcritas, aparece ainda o “q.”, com ou sem til.

operou... Enchi mais alguns cadernos de impressões instantâneas, mas a NAU CATARINETA deixou a âncora no Recôncavo...

O nosso excelente D. Rafael Wacker, O.S.B., não me mandou ainda provas. Se fossem para o Rio, como lhe pedi, tinham-mas recambiado, como fizeram com outra correspondência. Pode ter surgido qualquer contratempo ou demora imprevista; não admira. Em todo o caso, não gostaria q o ROMANCEIRO se imprimisse sem o passar pela vista. Há por lá “genipapo” por “jenipapo” e porventura outras heterografias.. E eu sou professor de Filologia Românica!... Além disso há um poema com falta de uns 4 versos. Demoro-me aqui até 11, inclusive. Se vir q, vindo já, as provas me chegam via aérea e “expressas”, agradeço-lhe muito q promova a remessa p<sup>a</sup> o Grande Hotel, r. da Bahia. No Rio, só ficarei de 11 a 15. Em último caso, poderia corregi-las aí no Salvador, à passagem do VERA CRUZ, creio q a 16 ou 17. (O meu endereço no Rio é r. Marquês de Olinda, 82, a/c do Sr. António Silveira). Os exemplares iriam ter depois a Portugal.

António Pedro quer 150 exemplares para LIVROS DE PORTUGAL, r. Gonçalves Dias, Rio, esperando q lhe seja feito desconto p<sup>a</sup> revenda.

E, perdando a requista, tenha paciência para mais uma: telefonar ao nosso Vice-Cônsul p<sup>a</sup> que, com papéis grossos, tenha a bondade de fazer uma única embalagem com os pacotes avulsos q deixei à guarda do Consulado, e q tomarei na escala pela Bahia. Lá satisfarei a importância do empacotamento.

Espero então dar-lhe o abraço da partida, com a gratidão de quem tanto lhe fica devendo nesta iniciação brasileira. Se vir Godofredo Filho e Odorico Tavares<sup>21</sup> abrace-os por mim.

Os meus respeitosos cumprimentos a sua Mulher, minha Senhora.

[manuscrito] *E para si um abraço*

*Do colega e amigo*

*grato*

*Vitorino Nemésio*

*P.S. – Ainda outra maçada – perdoe! Suspeito q terei vária correspondência no Hotel da Bahia. Se ma puder fazer recambiar com segurança p<sup>a</sup> o Rio, bem haja! Ao meu nome e ao cuidado de António Silveira: r. Marquês de Olinda, 82. Um abraço!*  
AHS-CA, doc. n.1316, pasta 031.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> GF, poeta baiano; OT, jornalista vinculado à Cadeia dos Diários Associados, figuras da vida cultural de Salvador e do círculo de amizades de Nemésio, constituem referências constantes na correspondência e, na obra do escritor açoriano, dividem com Hélio Simões a dedicatória do *Romanceiro*.

<sup>22</sup> Carta datilografada em vermelho (abertura local/data/destinatário); e preto saudação final e P. S. manuscritos, tinta preta. 01 página.

2

Timbre  
UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS

Lisboa, 13 de Janeiro 1958.

A HÉLIO SIMÕES.

Querido Amigo,

Escrevo-lhe ~~de~~ **devorado** de burocracia universitária e extra...<sup>23</sup>

Chegado de um mês de andadas europeias, remergulhei no mar bravo da vida lisboeta de ofício: 2 cadeiras desdobradas, burocracia infinita, questões mil, conferências inevitáveis mil, comissões oficiais e pompas académicas outras mil... De modo que a perspectiva da Bahia, já risonha em si mesma, me sorri qual anjo em talha de S. Francisco, e como libertação — a única possível. Vim encontrar a minha pobre Aninhas outra vez na Casa de Repouso, com 3ª crise. Quase seis semanas de estadia, felizmente com bons resultados<sup>24</sup>. Mas... Os cuidados... E o pesado encargo económico! A única consolação neste passo é ter dito o médico, o santo Luís Soeiro, considerar arredada a hipótese de esquizofrenia. Uma psicose ~~eclicca~~ **eclicca** cíclica<sup>25</sup>. Felizmente esta crise está vencida.

A Gabriela, exausta do esforço de acompanhar a nossa filha na Casa de Repouso, entrevê também a Bahia como tábua de salvação. Corremos, pois... O VERA CRUZ de Março sai a 15, chegando aí a 25. É-me quase impossível ir a 19 Fev<sup>o</sup>. Espero pois que V. e o nosso querido Reitor Prof. Edgar Santos, a quem escrevo também, tenham a bondade de dar ordem à Colonial para que eu vá, com minha mulher.

Para a hipótese de conferências a fazer aí na Universidade ou na Academia<sup>26</sup>, ousaria propor-vos a Expansão portuguesa, sobretudo nos aspectos histórico-culturais e literários (além dos temas que V. me possa propor para além destes, e das lições eventuais de programa prefixado). Tenho preparado há anos os textos dos escritores avisienses, que podem dar bom pretexto a um ensino também linguístico: história da língua, sobretudo. E como, concordando V., eu daria aspectos globais do período 1415-1460 — pois escreverei umas 200 páginas de biografia do Infante D. Henrique, — pedia-lhe que tivesse a bondade de me mandar um apanhado dos recursos das vossas bibliotecas em bibliografia henriquina, a fim de eu levar suprimentos.

<sup>23</sup> O negrito indica emenda datilográfica.

<sup>24</sup> A utilização do negrito itálico indica emendas a tinta.

<sup>25</sup> O tachado duplo indica as rasuras do texto. No original, Nemésio utilizou sistematicamente a superposição repetida da letra M, permitindo a leitura das formas preteridas.

<sup>26</sup> Academia de Letras da Bahia, sede de eventos culturais articulados a ou pela Universidade da Bahia.

Isto não prejudica, evidentemente, o seu plano de ~~estudo~~ estudo da poesia barroca, tanto em cátedra como em seminário. – evidentemente. Como vou livre e alodial, em [full time], terei tempo para muito. Graças a Deus, trabalho expeditamente. O que aqui me rói é a burocracia do [decanato] e adjacências.

E aqui tem... Bem haja pelos seus votos, e da Senhora D<sup>a</sup> Maria Augusta, pelos Natal e Ano Bom. Neste nosso pouco fagueiro condicionamento de vida, o nosso Ano Bom só o pode dar a Bahia e seus reflexos, – além de Deus, que tudo afinal dispensa e que se amercie de nós.

[manuscrito] *Ano Feliz a si e aos seus são os nossos íntimos votos.  
Afectuosas lembranças para a Senhora D<sup>a</sup> Maria Augusta.*

*A si um abraço rijo*

*Do velho colega e  
amigo do coração*

*Vitorino Nemésio*

AHS-CA, doc. n.1319, pasta 031.<sup>27</sup>

### 3

Lisboa, 24 Janeiro 1958

Meu caro Hélio Simões,

A sua carta deve ter-se cruzado com a minha de 13, em que lhe pedia instruções (e meios...) para a partida no VERA CRUZ de 15.Março com minha Mulher, mais entusiaste do que eu (que o já sou tanto !) em tão bela aventura !

O nosso querido Reitor q<sup>28</sup> tenha a bondade de officiar ao Instituto de Alta Cultura comunicando o convite q me fazem, p<sup>a</sup> um curso no ano corrente. O Director Geral do Ensino Superior, q patrocina a autorização, precisa disso. É o nosso excelente Amigo João de Almeida, como sabe. Talvez seja melhor nã deixar no vago o termo da missão (Novo). Assim, assusta menos...

Repito: é a libertação, o q me oferecem. Poderei dizer como o outro: “Escolhi a liberdade” ! Isto de decano é infernal...

A sua carta comoveu-nos, creia ! Já mandei talhar tropicais... Só aguardo a ordem de embarque. Mas depressa, q se faz tempo ! Acho admirável a fórmula : “Eu conheço o meu gado”. Cheira-me já ao Vale do São Francisco !

Olhe que aquilo do Infante D. Henrique e do século XV literário e cultural não prejudica em nada — repito ! — o que de diferente queiram aí de mim.

<sup>27</sup> Carta datilografada em preto, com inserções em vermelho (abertura: local/data/destinatário; expressões aqui assinaladas por colchetes); saudação final manuscrita, tinta azul, 01 página..

<sup>28</sup> V. nota 20.

Quanto à Academia das Ciências p<sup>a</sup> o nosso excelente Reitor Edgar Santos, acendo todas as lâmapadas [sic] que me sejam acessíveis em Meca ! É um acto de justiça pessoal e luso-brasileiro<sup>29</sup>. Mas o egerégio Presidente<sup>30</sup> gosta muito q o solicitem. Não esquecer! Bem sei q é a nós portugueses q compete fazê-lo. Lembro apenas, para o caso de haver outras vias de alvitre. E o nosso Reitor q me perdoe não lhe escrever desta vez.

[manuscrito] *Lembranças nossas à Senhora D<sup>a</sup> Maria Augusta e para si, com um grande abraço*

*Do seu velho  
amigo e colega grato*

*Vitorino Nemésio*

AHS-CA doc. n.1320, pasta 031.<sup>31</sup>

4

Praia da Boa Viagem,  
RECIFE, 21. Julho 1958.

Meu querido Hélio!

Cá vamos a voo, descobrindo o Brasil, graças às portas q. V. generosamente nos abriu e q. o bom Odorico agora escancara a Pernambuco. Continua o encanto da Bahia. Já fomos ao Agreste, a Caruaru, num Sábado de feira. Que paisagem! Já os cactos anunciavam a vizinhança do sertão. Mas a grande descoberta foi a da velhinha matuta que me vendeu colheres de pau c<sup>o</sup> em feira minhota. Visitámos Vitalino, “artista”, na sua tapera do Arto (c<sup>o</sup> no Minho) do Mota. (Eu estou c<sup>o</sup> o Gandavo, q. tudo comparava ao Entre-Douro-e Minho... Mas V, q. é Abreu e Lima, compreende: minhoto limiano também). Hoje jantamos com Mauro Mota; ontem foi a vez do Jordão<sup>32</sup>: ambos tão bons camaradas! Esta tarde ouvi um sino: era a devoção do Rosário na igr. da Boa Viagem. Oficiava uma mocinha de mantilha, tão compenetrada e fervorosa a oferecer os “mistérios gozosos” q. estou certo q. V. rezaria com ela também. Oxalá D<sup>a</sup> Maria Augusta passe sem a operação! Saudades de nós ambos p<sup>a</sup> todos e um rijo abraço do seu

Nemésio

AHS-CA, doc. n.1340, pasta 031.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> O reitor Edgard Santos, médico e ex-ministro de Estado, foi eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa em outubro de 1958.

<sup>30</sup> O presidente da Academia, à época, era o escritor Júlio Dantas.

<sup>31</sup> Carta datilografada em preto; saudação final manuscrita, tinta azul. 01 página.

<sup>32</sup> Jordão Emerenciano, professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Pernambuco.

<sup>33</sup> Cartão-postal (“Vista aérea – Recife”) manuscrito, tinta azul.

## 5

Timbre  
UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS

[Lisboa], ruça Sociedade Farmacêutica, 56-4º.

1 Janeiro 1959

Meu querido Hélio!

Momento solene! É a primeira carta, o primeiro papel que mancho no m/gabinete individual, de “profe” e de decano do Instituto de Filologia Portuguesa. Vaya por Vsted ! Isto tem sido uma guerra dos 100 anos, desde que vim dessa santa terra ! Demissionário de director da Faculdade há 15 dias, pois não estou p<sup>a</sup> aturar o sargentola do Vice-Reitor em exercício, q. tem o topete de proibir coisas q. eu autorizo — e 2 horas antes de se deverem realizar. O Ministro pede-me calma, mas [harto] a tenho tido. Vou requisitado pela Comissão Henriquina, dispensado de todo o serviço, — o q. me permitirá abalar p<sup>a</sup> a Bahia lá p<sup>a</sup> Abril, o mais tardar, se VV. continuarem dispostos a aturar-me. Atrasei a m<sup>a</sup> VIDA DO INFANTE, atrasei tudo ! Nem tempo t<sup>a</sup><sup>34</sup> p<sup>a</sup> cumprir deveres de amigo. Adiante ! Felizmente, tenho tido a m/lado os q. mais prezo: Orlando, Delfim, Prado, Virgínia Rau. A Faculdade, decididamente, está em crise profunda. Leite Pinto ficou abalado c. o n/relato e parece inclinado às medidas urgentes q. propomos: nomear catedráticos por escolha: Cintra, Chicó, Mariano Feyeo (Geografia), Jorge Dias, e talvez Quintela e Alberto Martins de Carvalho<sup>35</sup>. Chicó já tem a proposta assinado por Heleno e V. Rau. O ter sido feito prof. hon. da Univ. de Pernambuco fez impressão. P<sup>a</sup> q. VV. vejam o papel q. vos está destinado na regeneração da mãe-pátria, artimanhosa e esclerosada...

Bem haja pelas palavrinhas (troppo adaggio...) apenas aos ~~impn~~ comunicado do Colóquio<sup>36</sup>. Que trabalhadeira! Faria não ajuda ? Abrace-o, e diga-lhe q. me perdoe não escrever. Mal posso. Lembramo-nos mt<sup>a</sup> deles, Faria e mulher<sup>37</sup>.

Caeiro da Mata<sup>38</sup>, presidente da Henriquina, encarregou-me do pelouro do Brasil. Escreva V. num papelinho os nomes dos historiadores brasileiros q. se poderão interessar pelo congresso de H<sup>a</sup> dos Descobrimentos e promover

<sup>34</sup> Na seqüência do uso constante de abreviaturas, N. parece confundir-se, empregando o “ta” por “tenho”.

<sup>35</sup> Nemésio cita professores universitários, dentre os quais identificamos com segurança Orlando Ribeiro, Lindley Cintra, Mário Chicó.

<sup>36</sup> IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, promovido pela Universidade da Bahia e pela UNESCO, entre 10 e 21 de agosto de 1959.

<sup>37</sup> Eduardo Lourenço de Faria, conhecido então pelo último nome, e sua esposa Annie.

<sup>38</sup> José Caeiro da Matta, então presidente da Academia Portuguesa da História.

celebrações ~~henr~~ henriquinas nos vários Estados. Por “henriquinas” entende-se comemorações dos descobrimentos e ocupação, em sentido lato. Se VV. me aí quiserem eu daria uns saltos aqui e acolá p<sup>a</sup> introsar. E palavra q. não farei concorrência desleal ao n/Colóquio, q. aliás pode ser o prefácio do Congresso de H<sup>a</sup> dos Descobrimentos.

Livre deste vespeiro directorial da Faculdade, fico às ordens p<sup>a</sup> tudo o q. vós quiserdes. Vou escrever tb. Ao nosso verdadeiramente Magnífico Reitor Edgard Santos – tão paciente com o m/génio rabioso, e tão generoso e tão amável. (Sabe q. o n/Reitor V. Hugo tem estado mt<sup>o</sup> mal, com 1 segundo enfarte do miocárdio e 2 edemas pulmonares sucessivos ?) Por isso o Vice Rodrigues tripudia...).

Saudades da Bahia ! Saudades do Canela ! Saudades de Alves Ferreira !<sup>39</sup>  
[Mea culpa] por minhas ingratidões, meus desvios, [Alma Mater Soterensis!]

Não esqueçam dados p<sup>a</sup> a Henriquina ! Q. pode e quer fazer a Bahia de henriquino ? E adeus ! Gabriela e eu abraçamos D<sup>a</sup> Maria Augusta e beijamos o ranchinho. Gabriela tem saudades p<sup>a</sup> V. Vamos hoje almoçar com pai Cidade e D<sup>a</sup> Aida. (Entretanto já tive de telefonar p<sup>a</sup> o GÁS p<sup>a</sup> não me arrancarem o contador...!)

[manuscrito] *Um grande abraço do seu velho*

*Aida* } FRUTO

*Hernani Cidade* } DO

*Nemésio*

*Muita saudade Helena* } ALMOÇO<sup>40</sup>

*abraços para todos. Pais e Filhos  
da Gabriela*

AHS-CA, doc. n.1323, pasta 031.<sup>41</sup>

## 6

Lisboa, 27 Março 1960

Meu querido Hélio

Do Chiado, da Brasileira, p<sup>r</sup> uma manhã de fingida gandaia, escrevo-lhe! Sim, eu, o relapso, la belle au bois dormant... Estava uma manhã tão bonita, tão de “mediterrâneo” luso-brasileiro (aliás c. chuva e frio), resposta lírica e térmica à tepidez e ao aguaceiro de certas manhãs bahianas)... .. Mas

<sup>39</sup> Referências à cidade de Salvador, freqüentemente chamada Bahia, ao bairro do Canela, associado à Reitoria da Universidade, e à rua Alves Ferreira, onde residia Hélio Simões. A evocação de Salvador explicita-se na expressão latina utilizada com ênfase até mesmo gráfica, em especial no “Soterensis”.

<sup>40</sup> No original, do lado esquerdo, os autógrafos de Hernani Cidade, Aida (sua esposa) e Helena Cidade Moura (filha), seguidos por um único e abrangente colchete, com a observação em maiúsculas “fruto do almoço”.

<sup>41</sup> Carta datilografada em preto com inserções em vermelho aqui assinaladas por colchetes; saudações finais manuscritas, tinta azul. 01 página.

isto é indecentemente pictórico! Deixe abrir! Estou hoje mundano (do mundo), e uns passos dados ao longo dos arcos das Águas Livres, depois de ver a m<sup>a</sup> neta Nica-Não (Ana Maria, f<sup>a</sup> do Jorge), no falso e antigo sossego de uma Lisboa de embarcada já no Átomo, inspiraram-me estas linhas de muita saudade sua e da terra que V. me abriu e deu por 8 meses. De mais a mais, acabo de largar perto de 600 paus (c<sup>a</sup> p<sup>t</sup>-cá se diz) pela Lx<sup>a</sup> Antiga e Rib<sup>a</sup> de Lx<sup>a</sup> de J. de Castilho...

O papel de avião é do cacifo da Brasileira; o barulho q. me envolve é da b<sup>o</sup> “capital do espírito” lusitano, “à porta da Havanesa” (q. aliás vai ser um banco...). A dois passos, a Embaix. do Brasil...

Não tenho parado com [fretes?] práticos, e agora orais. Conferências e parlendas diversas. Preciso escrever-lhe muito. Tenho recebido os preciosos livros p<sup>a</sup> o n/Instituto (?!...)42; bem haja e mande mais! Vou expedir o prefácio p<sup>a</sup> os dispersos do Pinto de Aguiar43, com um resto de fl<sup>s</sup> da tradução q. a G. fez p<sup>a</sup> as publicações da Universidade, aí, e q. só p<sup>t</sup> m<sup>a</sup> falta foi p<sup>a</sup> a B. na altura do Colóquio. Ficaram ainda umas fl<sup>s</sup>... Vão. Veja se isso se imprime, p<sup>a</sup> a m<sup>a</sup> pobre mulher ver. Digo “pobre” pq. mal tem saído de casa. A nossa Aninhas melhorou mas está longe da calma. Vive sempre num fio de [perigo?] q. só Deus pode atar um dia à vida sã. Mas m<sup>to</sup> lúcida, m<sup>to</sup> nã resistente!

Também lhe mando O VERBO E A MORTE, poemas, e o D. Henrique. Perdoe o atraso.

Escreva! D<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Augusta e os meninos são sempre (como não!) bem lembrados.

G<sup>de</sup> abraço do seu

Nemésio

AHS-CA, doc. n.1328, pasta 031.44

42 Instituto de Cultura Brasileira da Universidade de Lisboa. Os sinais de interrogação e de exclamação esclarecem-se na carta anterior. Nemésio, ao referir-se a seus “múltiplos gabinetes...” na Faculdade de Letras, ironicamente arremata: “Entre eles o de ... (pasmai e acorre!) Director do Instituto de Cultura Brasileira da Universidade de Lisboa, sc. : 2 pequen salas e um gabinete vazios!” Buscando solucionar o problema, solicita a “amigos e instituições” brasileiros a doação de livros (AHS-CA, doc. n. 1327/031).

43 Manuel Pinto de Aguiar, economista, professor na Universidade da Bahia e um dos proprietários da Livraria e Editora Progresso, responsável pela publicação de autores portugueses como Hernani Cidade e Nemésio, em parceria com a Universidade.

44 Carta manuscrita, 01 fl. duplo, aversos preenchidos. Monocromática.

45 Ver nota 20.



Lisboa, dia do Natal

1961.

Meu querido Hélio !

Bem haja pelas suas notícias tão amigas. O nosso silêncio não é ingratição: vem de uma vida multiplicada e dispersa; sobretudo do alerta e [inserção entrelinhas:] a\ q.<sup>45</sup> nos obriga a doença da Ana Paula. Há um ano sem crises graves, continua contudo a levar uma vida frágil, q. nos tira a tranquilidade e nos não deixa receber os outros filhos em casa, p<sup>a</sup> não arrostarmos frontalmente [inserção entrelinhas:] com\ as suas fixações. Q. isto nos sirva de desculpa.

Lembramo-nos sempre de vocês e da nossa mãe Bahia. Esse ano de 58, graças a si, foi dos melhores da nossa vida: Sossego, companhia fraterna, as “entradas” do Nordeste brasileiro e as “montarias” da Amazónia. Foi o meu canto de cisne glob-trotter...<sup>46</sup> Abriu este ano pela 1<sup>a</sup> vez a cadeira de Lit<sup>a</sup> Brasileira, q. vejo, dirigindo o [inserção entrelinhas:] um\ Inst. da Cult<sup>a</sup> Brasileira, já razoávelmte mobilado de livros. Thiers<sup>47</sup> dedicou-se-lhe com aquele seu ar bandeirante e “bom rapaz” q. certas verduras não desdouram... O ponto é deixá-lo expandir. Se com ele se expande o Instituto, p. q. não ? Bem haja V. e os colegas bahianos pelas achegas de livros.

Eu não escrevo a ninguém, mas lembro todos. Ao nosso magnífico Reitor Edgar, sp<sup>re</sup> numa nuvem de “sins”, mas tão amável, desabitei-me a comunicar, - o q. não quer dizer q. o esqueça. Mas entre todos desejo q. me lembre a Jaime Viana e Senhora (a mim e à Gabriela). Fizeram-nos uma amizade tão simples e sincera!

Oxalá q. o seu figado comece a deixá-lo em paz. Q<sup>do</sup> aparecem p<sup>r</sup> cá ? A pergunta é quase absurda, dados os tp<sup>s</sup> q. correm. A velha Lusitânia é golpeada a toda a orla do orbe... Primeiro, Angola; agora, p<sup>a</sup> sp<sup>re</sup> Goa. Eu sei q. são contra-golpes da História niveladora. Mas, pelo menos, o modo como a Comunidade se esboroa doi à nossa criação numa utopia q., decididamente, só poderá subsistir num saudosismo livresco. ≡ Apesar de me ter encartado na regência da Lit<sup>a</sup> Brasileira e dirigir o Instituto, não creio q. vá tão cedo ao Brasil. A doença da filhinha e um certo desencanto das coisas prendem-me aqui. Mas não esqueço a pátria nova<sup>48</sup> e tudo farei p<sup>a</sup> q. haja q<sup>m</sup> a estude a fundo aqui. Tenho uma jovem assist<sup>te</sup> q. pensa doutorar-se com o Romance do Nordeste - a menos q. já haja

<sup>46</sup> Nessa carta, N. utiliza três linhas sinuosas superpostas, como a demarcar assuntos e parágrafos. Não se trata de inserção posterior, mas de caracteres deliberadamente utilizados no decorrer da escrita.

<sup>47</sup> Thiers Martins Moreira, professor da Universidade do Rio Janeiro.

<sup>48</sup> Nemésio, nos livros de viagens, emprega recorrentemente a expressão “Nova Lusitânia”, para referir-se ao Brasil.

estudo de conjunto q. prejudique o tema. Se ela aí for, conto com o seu patrocínio. ≡ Cidade, sp<sup>is</sup> Santo amigo, mudou p<sup>a</sup> “casa q<sup>ta</sup> mores[?]” e lá anda assoberbado com os livros, q. reduz[?] e distribui ao Redondo e à Universidade. Fui almoçar com eles à quinta-retiro. ≡ E aqui tem um punhado de notícias. Vá escrevendo, q. o remorso lhe responderá. É tv. uma maneira mais viva de pôr em comunicação, o remorso. D<sup>a</sup> Maria Augusta e os vossos filhos têm tb. lugar aberto no nosso coração. Até c. este frio do Dezembro ibérico bebo de cor convosco um bom fresco bahiano! E adeus, q. se faz tarde.

Abraços do coração do

seu

Nemésio.

AHS-CA, doc. n.1329, pasta 031.<sup>49</sup>

## 8

TIMBRE

LIVRARIA BERTRAND

S. A. R. L.

Lisboa, 20. XI. 1974

Meu querido Hélio Simões:

O meu negro silêncio p<sup>a</sup> consigo acaba hoje. Amigo aviva amigo; e Luís Trigueiros<sup>50</sup>, com Maria Helena, é quem faz o milagre desta vez. Foi uma alegria sabê-los chamados por si à nossa velha Bahia, onde encontrarão, em Hélio e D<sup>a</sup> Maria Augusta, os grandes companheiros fiéis à turma portuguesa.

Eu tenho uma grande inibição à escrita; Gabriela um pouco menos: mas, abatidinha como está pela forma de velhice que lhe tocou (graças a Deus, de juízo alerta, mas bastante metida consigo, sem quase sair de casa, metidinha na concha – onde, todavia, recebe com um sorriso algum eco que lhe venha dos amigos. Assim os seus pontualíssimos postais – ferros do meu remorso!)

Sinto que nunca mais talvez volte à Bahia. Não é só o aleatório do motivo possível da viagem: é a falta de élan para essas aventuras culturais, que pareciam tão naturais minhas. Mas a Bahia é sempre uma saudade viva em mim. Com Hélio antes de todos, vêm-me à lembrança Celestino, Odorico,

<sup>49</sup> Carta manuscrita, tinta preta, 01 fl. duplo, anversos preenchidos.

<sup>50</sup> Luís Forjaz Trigueiros, que viria a destacar-se no intercâmbio luso-brasileiro, tomando-se interlocutor de inúmeros brasileiros em Portugal.

Godofredo, Luis Viana; o outro Viana, [inserção oblíqua/entrelinhas:] \o Jaime;\ o velho Magalhães Neto... que sei eu! e para que fazer pauta?... Carlos Eduardo (ia omitindo), Carvalho F<sup>o</sup> com a sua poesia “oculta” – a sua face bem à vista!<sup>51</sup> Olha cá, rapaz! – como VV. dizem –: É melhor parar, ficar p<sup>t</sup> aqui, p<sup>a</sup> não deitar lágrima gorda. Ai vivi com a m<sup>a</sup> Velhinha (bem no[?] sabeis!) dos melhores meses da m<sup>a</sup> vida. Abrace vosmecê esse Luís e essa Maria Helena, com abraços nossos tb. p<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Maria Augusta e os vossos filhos. Que eu cá sou sempre o velho amigo do coração

Vitorino Nemésio

AHS-CA, doc. n.1338, pasta 031.<sup>52</sup>

<sup>51</sup> N. evoca os amigos feitos em Salvador. Além dos já identificados: António Simões Celestino, residente hoje em Portugal, o literato e político Luis Viana Filho, os médicos Jayme Viana e Magalhães Neto, também professor na Universidade como o crítico de arte Carlos Eduardo da Rocha, e o poeta Carvalho Filho.

<sup>52</sup> Carta manuscrita, tinta preta. 01 página, papel linha d'água Air Conqueror.